



UMA ANÁLISE SOBRE A SUSTENTABILIDADE DE SANTA LEOPOLDINA/ES, COM BASE NOS CRITÉRIOS DE *ONE PLANET LIVING*

Bruno Amaral de Andrade (1)

(1) Arquiteto e Urbanista, Pós-Graduando em “Sistemas Tecnológicos e Sustentabilidade Aplicados ao Ambiente Construído”, no Departamento de Tecnologia da Arquitetura e do Urbanismo, UFMG, andrade.bruno@live.com

RESUMO

Este artigo insere-se na tríplice temática “Patrimônio, Desenvolvimento Territorial e Sustentabilidade”, a partir de investigações acadêmicas num esforço de articulação da produção iniciada em nível de graduação e, aprofundada em pós-graduação, fundamentado sob o subsídio conceitual e a metodologia projetual de Alberto Magnaghi, para uma análise sobre a sustentabilidade de Santa Leopoldina/ES, com base nos critérios de *One Planet Living*, uma certificação de sustentabilidade reconhecida internacionalmente. Para este fim, elege-se o território referenciado pelo município de Santa Leopoldina, região do baixo rio Santa Maria da Vitória, no Estado do Espírito Santo, como lócus de experimentação dos nexos conceituais e metodológicos de Magnaghi, da fabulação de cenários estratégicos, como elementos interpretativos e projetuais, para um desenvolvimento autossustentável. Confronta-se a estes resultados, estudos e análises de dez critérios de uma certificação de sustentabilidade inglesa, o *One Planet Living*, para reflexionar a respeito de um índice de sustentabilidade para Santa Leopoldina.

Palavras-chave: Cenários estratégicos, desenvolvimento territorial, sustentabilidade, Santa Leopoldina/ES.

ABSTRACT

This article is part of the triple theme "Heritage, Territorial Development and Sustainability", from academic investigations in a joint production effort initiated at undergraduate and continued in depth at postgraduate studies, based on the Alberto Magnaghi's concept and projective methodology, with the addition of two certifications analysis of internationally recognized sustainability. For this purpose, elect up the territory referenced by the municipality of Santa Leopoldina, inferior river Santa Maria da Vitória's delta, Estado do Espírito Santo, as a locus of experimentation of Magnaghi's conceptual and methodological nexus to the fable of strategic scenarios, as interpretive and projective elements, for a self-sustaining development. Confronted with these results, are these studies and analysis of a sustainability certification, the One Planet Living, in pursuit of a sustainability index for Santa Leopoldina.

Keywords: Strategic scenarios, territorial development, sustainability, Santa Leopoldina/ES.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é um desdobramento entre as investigações em nível de graduação¹ e pós-graduação², atestando a tríplice temática “Patrimônio, Desenvolvimento Territorial e Sustentabilidade”, como meio de interpenetrar a fronteira dos estudos avançados no campo da Arquitetura e do Urbanismo, em Sustentabilidade. São utilizados alguns resultados de pesquisa e de trabalho final de graduação, confrontados com os novos conhecimentos em sustentabilidade aplicados ao ambiente construído, na pós-graduação.

¹ As investigações em nível de graduação estão articuladas aos projetos de Iniciação Científica e de Graduação, realizados entre 2011 e 2012, orientados da profa. Renata Hermann de Almeida, do Laboratório Patrimônio & Desenvolvimento, DAU/UFES.

² As investigações em nível de pós-graduação estão relacionadas ao primeiro módulo do curso de Especialização em “Sistemas Tecnológicos e Sustentabilidade Aplicados ao Ambiente Construído”, no Departamento de Tecnologia da Arquitetura e do Urbanismo, UFMG, ministrado pela profa. Grace Gutierrez, “Sustentabilidade e Qualidade Ambiental”.

A articulação na temática enunciada responde às intensas reflexões no estado da arte contemporâneo, no campo da Arquitetura e do Urbanismo, e de outras disciplinas, principalmente, no que tange à problemática da insustentabilidade no território (SAQUET, 2008 e 2010), que pode promover uma *urbanização* (MUÑOZ, 2005, tradução nossa), e um embate dicotômico entre patrimônio-sagrado e desenvolvimento-destruição. A busca de resoluções para esses problemas indica como referências, principalmente, os estudos avançados de Alberto Magnaghi, na Itália, e de Marcos Aurélio Saquet, no Paraná, Brasil.

O produto das investigações em nível de graduação são os cenários estratégicos, definidos por Magnaghi (2007, p.127) como elementos interpretativos, projetuais, instrumentos inovadores e de rearticulação da relação entre urbanismo, ambiente e sociedade. O cenário estratégico caracteriza-se por um projeto de representação gráfica do fenômeno do território em um determinado recorte sócio-espacio-temporal. No caso de representar um território do presente e do passado, trata-se de uma leitura; enquanto representar um território para o futuro, é uma estratégia de projeção de desenvolvimento autossustentável. O mais relevante dos cenários, o Cenário do Futuro, deve ser imbuído de um grau de reprodutibilidade, permitindo que o território siga desenvolvendo-se a partir da autonomia local, constantemente alimentado pelo patrimônio territorial, num processo de transformação lenta e consciente.

Quanto ao recorte espacial, para a fabulação dos cenários estratégicos, é referenciado pelo município de Santa Leopoldina, já para a análise das certificações de sustentabilidade, é reduzido para o seu núcleo urbano. Vale salientar a relevante articulação entre as Três Santas (municípios de Santa Leopoldina, Santa Teresa e Santa Maria de Jetibá), devido à proximidade espacial e à articulação socioeconômica historicamente instituída (SCHWARZ, 1992; PETRONE, 2004), além de Ibirapu e Afonso Cláudio, também abrangidos pela antiga colônia de imigrantes de Santa Leopoldina (Figura 1) no II Império, século XIX.

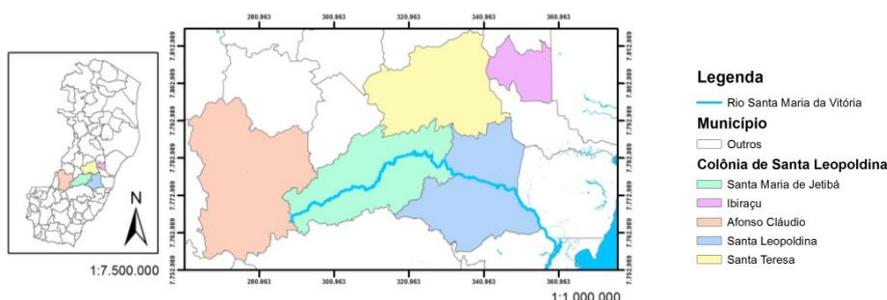


Figura 1. Mapeamento com a demarcação do território da colônia de Santa Leopoldina na divisão político-administrativa atual.

2. OBJETIVO

O objetivo deste artigo é buscar um índice de sustentabilidade para Santa Leopoldina/ES, através de resultados de pesquisa em investigações de graduação, e de pós-graduação, promovendo uma ponte conceitual e metodológica entre essas duas fases acadêmicas, com o intuito de adquirir experiência e lançar bases para o desenvolvimento de monografia em nível de pós-graduação, dentro da dupla temática “Ambiente Construído e Sustentabilidade”.

3. MÉTODO

Uma das referências basilares de metodologia de pesquisa em Arquitetura e Urbanismo é Serra (2006), fonte utilizada para balizar o desenvolvimento deste trabalho. Segundo Serra (2006 p.59) “(...) o método implica, antes de tudo, atividades ordenadas, tarefas colocadas sequencialmente e a partir de um plano de ação racional”. Assim, a metodologia aplicada é delineada por uma híbrida abordagem qualitativa e empírica, por abranger pesquisa em fontes primárias, secundárias, manipulação de software específico para produção de mapeamento (ArcGis), e apoio imagético de um *ortofotomosaico*³.

³ O Ortofotomosaico IEMA 2007/2008 é distribuído gratuitamente pelo IEMA, e a sua reprodução é permitida sem restrições. Abrangendo todo o território do Estado do Espírito Santo, é fruto do convênio “VALE DE QUALIDADE AMBIENTAL” celebrado entre a Companhia VALE e o Governo do Estado, este representado pelo Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos – IEMA. É um produto cartográfico digital de escala 1:15.000 PEC ”A”, de resolução espacial de 1m, elaborado a partir de um Levantamento Aerofotogramétrico na escala 1:35.000 realizado em junho de 2007 sobre a região sul e maio/junho de 2008 sobre a região norte do estado. Formado pela articulação de cerca de 540 blocos de imagens de 10x10km.

O método deste trabalho obedece a uma sequência de ideias, organizadas em três itens:

1. Abordagem teórico-conceitual: revisão bibliográfica da tríplice temática “Patrimônio, Desenvolvimento Territorial e Sustentabilidade” (ANDRADE, 2012 e 2012a) e revisão bibliográfica do conceito de território (ANDRADE, 2012).
2. Abordagem empírica: aplicação da metodologia e conceito de território, desenvolvimento e sustentabilidade para a fabulação de cenários de desenvolvimento local autossustentável (ANDRADE, 2012).
3. Índice de Sustentabilidade: análise da certificação de sustentabilidade *One Planet Living*, para avaliação de um índice de sustentabilidade para Santa Leopoldina/ES.

3.1. Abordagem teórico-conceitual

Este subitem agrupa a primeira e a segunda etapas do método, de revisão da temática, e de revisão do conceito de território, respectivamente. A primeira etapa de investigações acerca da tríplice temática “Patrimônio, Desenvolvimento Territorial e Sustentabilidade”, baseia-se, para orientação da inserção do artigo na temática proposta, em Sabaté (2001, 2004 e 2005), Magnaghi (2007, 2009 e 2010), e Saquet (2008 e 2010).

A respeito da segunda etapa do método, de revisão do conceito de território, a referência balizadora dos estudos do território utilizados para este artigo é Saquet (2010), que ressalta a Escola Territorialista Italiana, liderada por Magnaghi. Saquet enfatiza o destaque de sua investigação para o lugar, para a dinâmica ambiental e para a elaboração de projetos para o desenvolvimento. Afirma que a produção do território pode e deve substituir a de mercadorias no desenvolvimento, através de uma nova cultura do habitar, com novas territorialidades e valorização da estética, do lugar e da natureza, da diferença e da autonomia. A sustentabilidade é pensada para além da proteção da natureza, incorporando o território, ou seja, a sustentabilidade política, econômica, cultural e ambiental. Dansero e Bagliani (2005, apud SAQUET, 2010) conceituam a territorialidade sustentável como uma conjugação de forças globais e locais, em favor de uma territorialização do desenvolvimento sustentável através de componentes materiais e imateriais da complexidade socioeconômica e natural, que se traduz na complexidade territorial.

Saquet (2010) reflexiona a abordagem territorial como central para a construção de uma sociedade mais justa, que possa construir sua autonomia e se autogovernar, produzindo um novo território e novas territorialidades, como organização política de gestão e autonomia. A solução para potencialização, conservação e reprodução dos recursos territoriais está na desconstrução de representações não sustentáveis, e na criação e difusão de novas representações baseadas no reconhecimento e valorização das potencialidades desprezadas em cada território e em cada sociedade local. As interpretações do território, e as iniciativas de desenvolvimento territorial precisam considerar os seguintes indicadores e processos:

1. A articulação de classes e a constituição de redes e tramas locais e extralocais, que significam relações de poder, efetivadas em cada lugar e entre os lugares, em virtude de suas desigualdades, diferenças e especificidades.
2. O caráter (i)material, conciliando-se os fatores e elementos culturais, políticos, econômicos e naturais, em unidade.
3. A produção de mercadorias (ou excedentes), a recuperação e a preservação da natureza exterior ao homem.
4. A valorização das pequenas e médias iniciativas produtivas.
5. A valorização dos saberes locais e das identidades.
6. A consideração do processo histórico e do patrimônio de cada lugar.
7. A produção ecológica de alimentos.
8. A organização política local, com vistas à conquista de autonomia.
9. A diminuição das injustiças e das desigualdades sociais, dentre outros.

Esses indicadores, juntamente com os citados por Dansero e Bagliani acerca da territorialidade sustentável, estão em consonância com os dez princípios da certificação de sustentabilidade *One Planet Living*, presentes no subitem 1.3. Torna-se fundamental considerar os elementos que estão presentes em cada território, e os sujeitos que o efetivam, suas necessidades, valores e patrimônio, a natureza, relações e seus lugares de vida cotidiana, historicamente constituída de maneira imaterial e material.

Por fim, no prefácio de publicação em língua inglesa do “*Il progetto locale*” Magnaghi, cujo título é “*The urban village. A charter for democracy and local self-sustainable development*”, Edward Goldsmith escreve o prefácio, e critica os efeitos eco-catastróficos da metrópole contemporânea, e enfatiza o pensamento gandhiano, atualizando o conceito de comunidade local e sua autosuficiência como garantia de autossustentabilidade. O autor ressalta a contribuição multidisciplinar de Magnaghi, ao construir um

processo e a uma dimensão temporal, através de uma discussão do planejamento orientada em senso processual. Trata-se de uma representação de uma sequência de paisagens processuais, com atenção na descrição das transformações em acontecimento. Logo, o cenário estratégico (Figura 3) é uma construção de uma sequência de ações de transformação do território (MAGNAGHI, 2007).

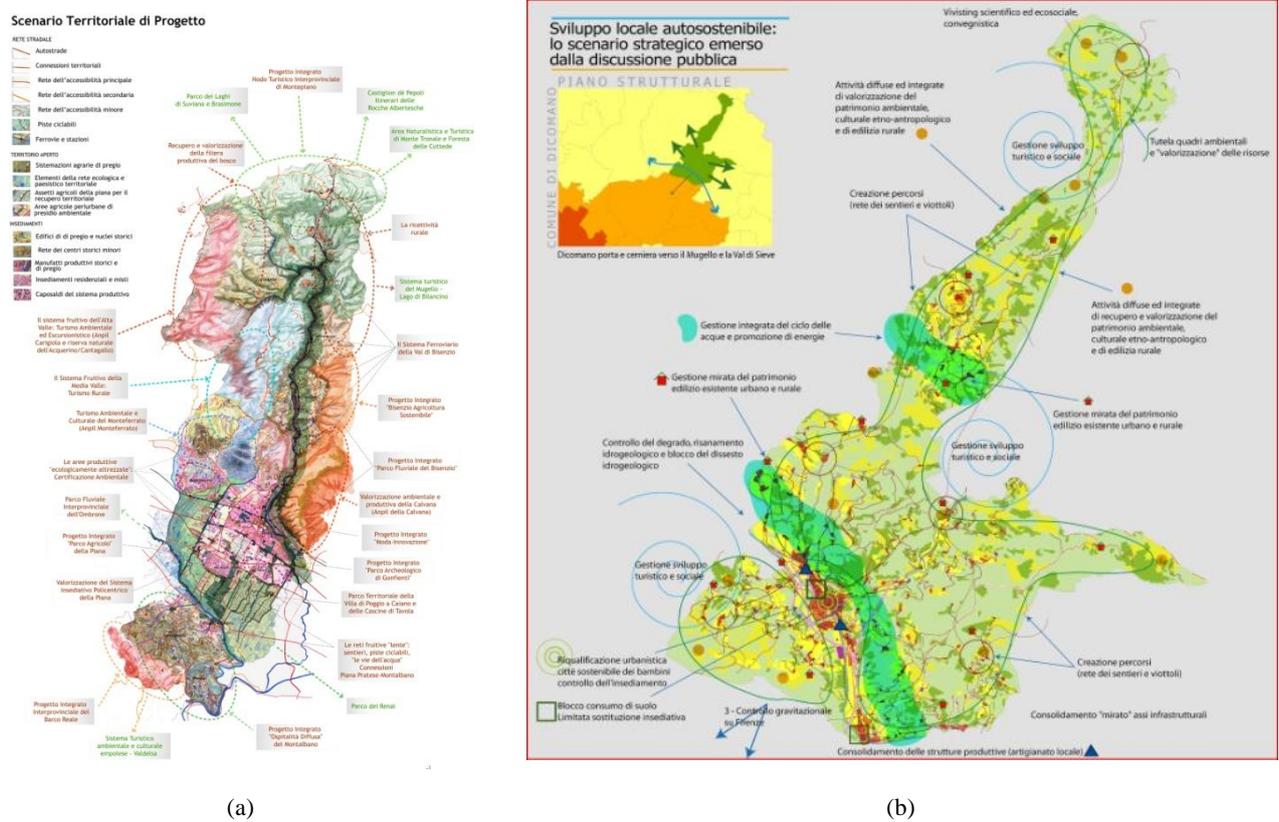


Figura 3. a) Cenários de Gravitação, Tendencial e de Conservação. b) Cenário de Desenvolvimento local autossustentável. Fonte: MAGNAGHI, 2007.

Com efeito, o entendimento dos processos históricos e socioeconômicos do desenvolvimento da ocupação do território referenciado pela colônia de Santa Leopoldina, e pela bacia do rio Santa Maria da Vitória, a partir de meados do século XIX e início do século XX, contribui para compreender a complexidade do território, o auge e a decadência socioeconômica, e a explicação dos motivos pelos quais os âmbitos ambientais, territoriais e socioeconômicos (MAGNAGHI, 2010) da contemporaneidade devem ser questionados e repensados na direção de uma conservação integrada ambiente-território-sociedade-economia. É com essa prerrogativa que fabula-se três cenários estratégicos para os três recortes sócio-espaço-temporais: o Cenário do Passado, o Cenário do Presente, e o Cenário do Futuro, todavia é apresentado, somente este último, relevante à discussão deste artigo.

O Cenário do Futuro/desejado, (Figura 4) em vista a um desenvolvimento local autossustentável de Santa Leopoldina, motiva-se também pela reinserção da sua centralidade regional, através, principalmente, da recuperação de sua identidade e valorização do patrimônio. O foco é Santa Leopoldina, por isso as cores dos outros municípios foram apagadas, como demonstra as setas de gravitação, agora em duplo-sentido representando rearticulações com Santa Teresa e Santa Maria de Jetibá, além de novas articulações, com os municípios de fronteira, justamente no sentido de reinserção como força regional. As espirais de gestão de desenvolvimento voltam a se fortalecer, como visto no ciclo de territorialização do Cenário do Passado, além do surgimento de outros pontos nas fronteiras a fim do fortalecimento da coesão municipal e de pressuposto para articulação regional. O núcleo urbano de Santa Leopoldina é expandido, segundo características topográficas, e outros três núcleos são sugeridos, em Mangaraí, em Tirol, e em Regência: o primeiro pelo ponto estratégico de entrada da estrada que acompanha o rio Mangaraí; o segundo por caracterizar-se um espaço identificado pelos imigrantes austríacos; e o terceiro, o território do luso-brasileiro, primeiro a se desenvolver no ciclo de territorialização da cana-de-açúcar. São três novos nós de atração, desenvolvimento num movimento de descentralização do núcleo urbano e fortalecimento da região rural, inspirado na força rural do Cenário do Passado. Nesse sentido, estão incluídas as emergências histórico-arquitetônicas, numa endereço projetual de conservação, valorização, requalificação e mesmo transformação da arquitetura e do patrimônio territorial (ANDRADE, 2012).

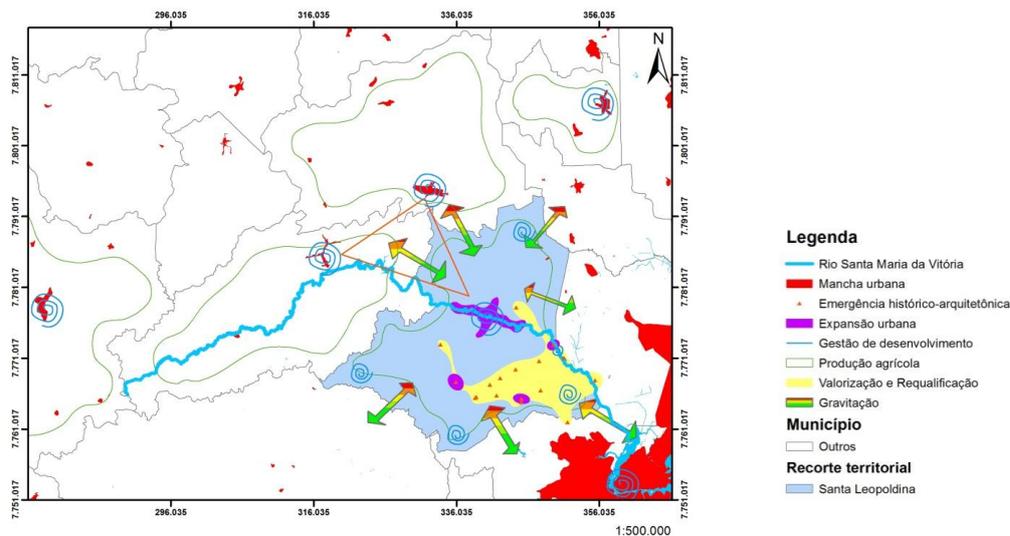


Figura 4. Mapeamento *Cenário do Futuro*. Fonte: Andrade, 2012.

3.3. Índice de Sustentabilidade

Para análise do índice de sustentabilidade, faz-se necessário o domínio de alguns dados gerais do município de Santa Leopoldina (Figura 5). Segundo levantamento do IBGE⁴ (2000), o município possui 12.240 hab., 718 km² de área, e um PIB 51.181.000,00 (2008) dividido em agropecuária com 47,9%, comércio e serviços com 46,68%, e outros com 5,82%. Possui 11 pré-escolas, 29 escolas de ensino fundamental, 2 escolas de ensino médio, e não possui ensino superior. Possui 10 estabelecimentos de saúde municipais e 2 particulares.



Figura 5. (a) Foto do núcleo urbano de Santa Leopoldina em seu auge socioeconômico, no início do século XX. Fonte: Acervo do Laboratório Patrimônio & Desenvolvimento Territorial (Patri_Lab); e (b) Foto aérea do núcleo urbano de Santa Leopoldina, escala 1/20.000. Fonte: Ortofotomosaico IEMA 2007/2008.

3.3.1. One Planet Living

O *One Planet Living* é uma certificação de sustentabilidade inglesa baseada em dez princípios, que fornecem uma estrutura para tornar o modo de vida sustentável fácil e acessível a todos. Por exemplo, se todas as pessoas do mundo consumissem os mesmos recursos naturais que uma pessoa do Reino Unido ou dos Estados Unidos, deveria haver três ou cinco planetas para suportá-los, respectivamente. O objetivo da certificação é ajudar pessoas e organizações ao redor do mundo a viver e trabalhar em favor de uma divisão justa dos recursos do planeta. Os locais que já usam a certificação são: BedZED, UK; Sonoma Mountain Village, USA; One Brighton, UK; Petite Rivière, Canada; Grow Community, USA; Jinshan, China; Barangaroo, Australia; Riverside One, UK; Mata de Sesimbra, Portugal; Villages Nature, France; Ivory Park and Sibaya, South Africa; Masdar City, Abu Dhabi.

O conceito de sustentabilidade utilizado refere-se a “nossa responsabilidade de longo prazo com as pessoas e o planeta, incluindo considerações ambientais, econômicas e sociais”, e o de desenvolvimento

⁴ Dados adquiridos digitalmente no sítio do IBGE Cidades. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320450>, acessado em 10 de Abril de 2013.

sustentável refere-se ao “atendimento das necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprirem suas necessidades” e á “preocupação com o crescimento de uma sociedade onde os custos de desenvolvimento não são transferidos para as gerações futuras, ou pelo menos há uma tentativa de compensar esses custos”. Os dez princípios são:

1. *Zero Carbon* (Zero emissão de Carbono, tradução nossa): tornar os edifícios mais eficientes energeticamente, distribuir a energia com tecnologias renováveis, e ajudar a promover uma economia de energia renováveis.
2. *Zero Waste* (Zero perda, tradução nossa): redução de desperdício, reutilizar sempre que possível, e zero envio de resíduos para aterro; geração de emprego em reciclagem.
3. *Sustainable transport* (Transporte sustentável, tradução nossa): encorajar meios de transporte com emissão de carbono reduzida; fornecer transporte público para reduzir a dependência do automóvel; promover veículos de baixa emissão e elétricos.
4. *Sustainable materials* (Materiais sustentáveis, tradução nossa): usar produtos sustentáveis saudáveis, com baixa incorporação de energia, adquiridos localmente, produzidos a partir de recursos renováveis ou reciclados.
5. *Local and sustainable food* (Alimento local e sustentável, tradução nossa): escolha de baixo impacto, local, sazonal e dietas orgânicas e redução do desperdício de alimentos.
6. *Sustainable water* (Água sustentável, tradução nossa): uso de água de forma mais eficiente em edificações e em produtos comercializados; lutar contra enchentes locais e poluição de cursos d’água; uso de a água de chuva e reciclagem de água, sempre que possível; gerenciar espaços abertos para captura e armazenar de água, e/ou restaurar os sistemas naturais de água, como os aquíferos.
7. *Land use and wildlife* (Uso do solo e da vida selvagem, tradução nossa): proteger e restaurar a biodiversidade e habitat naturais através de um apropriado uso do solo e integração com o ambiente construído.
8. *Culture e community* (Cultura e comunidade, tradução nossa): Celebrar e reviver a cultura tradicional e do patrimônio para criar um sentido de identidade local e orgulho; apoiar e participar das manifestações artísticas e eventos locais.
9. *Equity and local economy* (Equidade e economia local, tradução nossa): criação de economias bioregionais que apoiem emprego justo, inclusive comércio justo entre as comunidades e o exterior.
10. *Health and happiness* (Saúde e felicidade, tradução nossa): tornar mais fácil a adoção de estilos de vida saudáveis, através de caminhadas, ciclismo, alimentação saudável e atividades comunitárias que promovam o bem-estar; promover uma cultura de vizinhança e comunidade.

A validade da certificação para o estudo em Santa Leopoldina deve-se à confiabilidade do método, e ao fator inovador de análise da sustentabilidade ao nível urbano, considerando-se princípios/indicadores para se refletir acerca de um índice de sustentabilidade. Ademais, a certificação já extrapola à Inglaterra, e este é um dos primeiros trabalhos a avaliar o seu uso para o Brasil. Dos dados coletados durante as pesquisas em acervos físicos, como os da Prefeitura, e digitais, como os do IBGE (2000) e o Inventário Turístico⁵, Santa Leopoldina, a “Filha do Sol e das Águas”, atende a alguns dos 10 princípios e possui potencial para maximizar esse alcance, pois os dados acessados não possibilitam análise dos princípios 2, 4, 5 e 7; por outro lado, foi possível analisar os princípios 1, 3, 6, 8, 9 e 10.

Assim, para o princípio 1, Zero emissão de Carbono, no que tange ao uso de energia renovável, a represa Suíça (Figura 6), cuja Estação Hidrelétrica abastece parte do município de Santa Leopoldina, com produção média anual de 99.479,5 Kwh. Quanto à qualidade e controle de uso da água, o Comitê da Bacia Hidrográfica do rio Santa Maria da Vitória, recém-formado é o responsável pela gestão do recurso.



Figura 6. Fotos da represa Suíça. Fonte: <http://www.santaleopoldina.es.gov.br/VerAlbumFoto.aspx?no=41>

⁵ Inventário da oferta turística do município de Santa Leopoldina. Disponível no sítio http://www.turismo.es.gov.br/_midias/pdf/67-4b84270724e95.pdf, acessado em 10 de Abril de 2013.

Já o princípio 3, Transporte Sustentável, segundo dados do IBGE (2000) abaixo (Gráfico 1) nota-se a predominância do uso de motocicletas ao de automóveis, correspondente à adaptação à topografia acidentada da região. Todavia, ao comparar-se o número de automóveis (1.651) ao de ônibus (30), nota-se a discrepância do transporte individual ao coletivo. Não há dados específicos sobre sustentabilidade nos transportes.

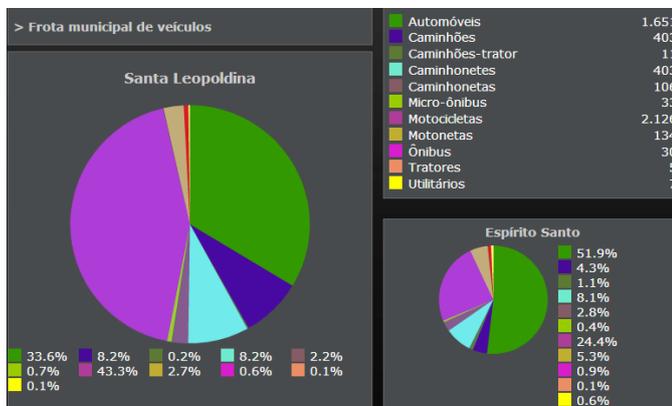


Figura 1. Frota municipal de veículos. Fonte: IBGE (2000).

No princípio 6, Água Sustentável, destacam-se as enchentes e deslizamentos de terra, que ocorrem devido a problemas de planejamento e infraestrutura, além da implantação urbana ser tangenciada ao curso principal do rio Santa Maria da Vitória (Figura 7 e 8).

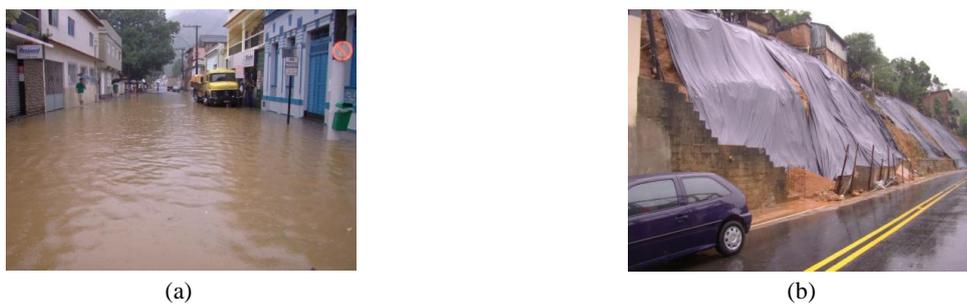


Figura 7. (a) Av. Prefeito Hélio Rocha. (b) Deslizamento entrada da cidade, ES 080. Data: 31 de Outubro de 2009. Fonte: Secretaria de Turismo e Cultura, Prefeitura de Santa Leopoldina.



Figura 8. (a) Ponte Clarindo Lima. (b) Posto Água, Av. Presidente Vargas. Data: 1º de Novembro de 2009. Fonte: Secretaria de Turismo e Cultura, Prefeitura de Santa Leopoldina.

Para o princípio 8, Cultura e Comunidade, há dois circuitos que incentivam o senso de identidade, são eles o Circuito Colônia Tirol, ocupada por imigrantes austríacos, que articula a Sede da Colônia do Tirol, Capela São Martinho, Mini Hospital, Pousada Gasthof Tirol, Igreja Católica do Tirol, Casa Paroquial do Tirol, Gruta Nossa Senhora de Lurdes, Quitungo e Moinho de Pedra, Vale das Cachoeiras (Pousada Ecológica do Tirol). Já o circuito dos cemitérios, inspirou-se na prática das rotas de cemitérios na Europa, com o intuito de enaltecer e reverenciar alguns dos imigrantes, políticos e religiosos mais conhecidos da região, como o túmulo da família Reisen, de Luiz Holzmeister, de Francisco Schwarz, Família Vervloet, e Frei Hadrianus Iantchener. Ademais, o Museu do Colono, contém um acervo documental, como livros, fotos e mobiliário, datados do auge da colônia de Santa Leopoldina, entre o final do século XIX e o início do XX.

E a Comunidade do Retiro, comunidade negra remanescente de um quilombo, através de suas bandas de Congo, visam a valorização e resgate da cultura negra.

Quanto ao princípio 9, Equidade e economia local, há o *Território das Montanhas e das Águas*⁶, é uma associação de desenvolvimento territorial, criada em 2005, composta por 13 municípios da região serrana e adjacentes do Espírito Santo: Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá, Santa Teresa, Viana, Domingos Martins, Marechal Floriano, Venda Nova do Imigrante, Vargem Alta, Conceição do Castelo, Afonso Cláudio, Castelo, Brejetuba e Alfredo Chaves. Localmente, há uma associação de agricultura familiar, composta por cerca de 100 produtores rurais, que produzem, principalmente, café, milho, feijão, mandioca, e banana, cujo apoio provém do *Projeto de Fortalecimento da Agricultura Familiar*, desenvolvido pelo Governo do Estado do Espírito Santo.

No princípio 10, Saúde e Felicidade, destacam-se o Circuito das Cachoeiras (Figura 9a), que conecta a Cachoeira Véu de Noiva, Cachoeira do Recanto, Cachoeira das Andorinhas, Cachoeira da Fumaça - Parque Ribeirão dos Pardos, Cachoeira do Rio do Meio, Cachoeira da Holanda, e Cachoeira da Fazenda do Tirol, como forma de preservar e valorizar os recursos da região. Há o Caminho do Imigrante (Figura 9b), que remonta à colônia de Santa Leopoldina, um percurso realizado entre os núcleos urbanos de Santa Leopoldina e o do município de Santa Tereza.



(a)



(b)

Figura 9. (a) Cachoeira Véu da Noiva. Fonte: <http://www.santaleopoldina.es.gov.br/VerAlbumFoto.aspx?no=10>. (b) Caminho do Imigrante. Fonte: <HTTP://www.caminhodoimigrante.es.gov.br>.

Há, ainda, no princípio 10, a Rampa de voo livre (Figura 10a), aproveitando o potencial topográfico e de vento da região. E o Circuito Gastronômico (Figura 10b), como um incentivo para conhecer a culinária local, que contém toda a diversidade representada pela fusão de culturas na região, como Bijú (origem indígena); Machacota ou Tingau, Mingau de Mandioca Puba, Paçoca de Banana (origem negra); Tortéil, Ossacol, Polenta com Queijo e Bacon (origem italiana); Figadéil, Esfregolotti ou Preguiça-de-mulher, Craut/Chucrute, Broth, Spatzle Goulasch, Zuth, Pão de Banana (origem alemã); Käsespätzle, Kaisersohmarren (Omelete Doce), Strassen Kuchen (Pão-de-Farofa), Doce de Mamão com Gengibre, Apfelelatrudel (Torta de Maçã), Licor de Genipapina, Licor de Café, Cachaça de Frutas e Vinhos de Frutas (origem austríaca).



(a)



(b)

Figura 10. (a) Foto de rampa de voo livre em Santa Leopoldina. Fonte: <http://www.santaleopoldina.es.gov.br/VerAlbumFoto.aspx?no=44>. (b) Foto de uma porção de Käsespätzle. Fonte: <http://allrecipes.com.br/receita/2020/k-sesp-tzle--massa-alem--com-queijo-.aspx>

4. ANÁLISE DE RESULTADOS

Magnaghi (2010, p.10) defende um “(...) renascimento do território (diante da problemática atual da degradação do ambiente, crescimento populacional exponencial, pobreza nas periferias), onde seja possível

⁶ Fonte do dado a respeito da associação para o desenvolvimento - *Território das Montanhas e das Águas* -, disponível em <http://www.santaleopoldina.es.gov.br/VerNoticia.aspx?no=686>.

travar novas alianças entre natureza e cultura, e cultura e história”. A maneira de se promover esse renascimento é “(...) através da herança cultural (a identidade de cada lugar), potencial produtora de riqueza, e da herança que será legada às futuras gerações”. Logo, segundo análise dos dez princípios do *One Planet Living*, destaca-se a problemática com o princípio 2, provocado pelas enchentes e deslizamentos na região. Por outro lado, os princípios 8, 9 e 10, demonstram a valorização dos recursos ambientais e patrimoniais da comunidade, a identidade resultante da sobreposição de diversas camadas de sedimentos humanos, nos ciclos de territorialização, em Santa Leopoldina, realizada pelos elementos indígenas, luso-brasileiros, negros e europeus. Logo, dentro dos dados acessados, conclui-se que Santa Leopoldina não possui um índice de sustentabilidade aceitável para o território, todavia possui potencial para tanto.

5. CONCLUSÕES

A discussão sobre o significado dos resultados obtidos parte da premissa de que este artigo busca de forma inovadora investigar três grandes recortes da aproximação territorialista italiana: conceito, representação e cenários, como embasamento para análise de um índice de sustentabilidade através da certificação de sustentabilidade de *One Planet Living*. Dada à complexidade do desafio, alcançam-se respostas e dados relevantes como pretextos para a continuidade da investigação em desdobramentos futuros.

A abordagem conceitual, encontrada principalmente em Saquet (2010) e Magnaghi (2010), é fundamental para imergir na constelação de concepções do território, e na possibilidade de atuação em uma tríade, o território como conceito, como objeto de estudo, reflexão e representação, e como objeto projetual de desenvolvimento. No que tange à representação, Magnaghi (2005, 2007 e 2010) indica a utilização de softwares de SIG – Sistema de Informação Geográfica. E a fabulação de cenários foi tangenciada a partir de Magnaghi (2007), possibilitando uma reflexão a cerca do desenvolvimento local autossustentável.

Em suma, segundo as análises realizadas, apesar de Santa Leopoldina não possuir um índice de sustentabilidade aceitável, há possibilidades para um desenvolvimento local autossustentável, a partir do acesso a todos os dados necessários para análise da certificação, a fim de propor um projeto integrado que tenha por objetivo a autonomia, a conservação e a valorização do território e das territorialidades. Esta solução está na desconstrução de representações não sustentáveis, e na criação e difusão de novas representações baseadas no reconhecimento e valorização das potencialidades desprezadas em cada território e em cada sociedade local, considerada energia latente de transformação por Magnaghi (2010). Pode-se compreender, nesse sentido, o desenvolvimento como a organização e a luta pela liberdade, pela justiça e pelo conhecimento, pois quanto maior o conhecimento, maiores são as condições para a organização política e para a luta pela autonomia (SAQUET; SPOSITO 2008).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Bruno Amaral de. **Rio Santa Maria da Vitória, patrimônio protagonista do desenvolvimento regional de Santa Leopoldina/ES**. Relatório final de Iniciação Científica. Bolsa CNPq/UFES – Patri_Lab, Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Vitória, 2012.
- ANDRADE, Bruno Amaral de. **Uma rota patrimonial para o rio Santa Maria da Vitória/ES**. Instrumento de conservação, valorização, requalificação e/ou transformação do Patrimônio Territorial. Monografia. Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Artes, UFES. Vitória, 2012a.
- MAGNAGHI, Alberto. **Il progetto locale**. 2ª ed. Torino: Bollati Boringhieri, 2010. 344 p.
- MAGNAGHI, Alberto. **La Rappresentazione Identitaria del Territorio**. Atlanti, codici, figure, paradigmi per il progetto locale. Firenze: Alinea Editrice, 2005.
- MAGNAGHI, Alberto. **Scenari strategici: visioni identitarie per il progetto di territorio**. Firenze: Alinea Editrice, 2007. 463 p.
- MAGNAGHI, A (a cura di); GIACOMOZZI, S. **Un fiume per il territorio: Indirizzi progettuali per il parco fluviale del Valdarno Empolese**. Firenze: Firenze University Press, 2009. Disponível em: <http://www.lapei.it/public/books/Scenari/213CartaGiacomozziRuffini.pdf>
- MARGUCCIO, Antonio. **Il progetto di territorio tra intuizione e metodo**. Lisboa: Inseadcity, 2009. 175 p.
- MUÑOZ, Francesc. **Urbanizació**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2008.
- SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 200 p.
- SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. **Território, Territorialidade e Desenvolvimento: diferentes perspectivas no nível internacional e no Brasil**. IN Alves, A. F.; Carrizo, B. R.; Candiotti, L. Z. P. (Org.). **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- SCHWARZ, Francisco. **O Município de Santa Leopoldina**. Traço Certo, Vitória, 1992.
- SERRA, Geraldo G. **Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação**. EDUSP & Mandarim Editora, São Paulo, 2006.
- WEIMER, G. **Arquitetura Popular da Imigração Alemã**. 2. ed. Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2005.

One Planet Living. **One Planet Learning**. Disponível em: <www.oneplanetliving.net>. Acesso em 30 de Março de 2013.